



**A presença de "práticas  
estéticas e corporais"  
das Irmandades de  
Nossa Senhora do  
Rosário e São Benedito  
em Florianópolis, Santa  
Catarina  
(1888-1914)**

**The presence of  
"aesthetic and body  
practices" of the Our  
Lady of the Rosary and  
Saint Benedict  
Irmandades in  
Florianópolis, Santa  
Catarina (1888-1914)**

**Ênio José da Costa Brito**

Professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião  
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

**Resumo:**

As irmandades leigas foram uma das agremiações mais populares no período colonial, se congregavam em torno da devoção a um santo ou uma santa padroeira. A contribuição dessas irmandades para a sociedade civil e para a Igreja foi incalculável. Basta pensar que a sociedade colonial e imperial em processo de organização social recebeu das irmandades, com seus exigentes compromissos, uma contribuição significativa. No âmbito religioso, a contribuição aumenta, pois, a Igreja sob o regime de Padroado a duras penas dava conta de promover os atos religiosos e as irmandades se encarregaram de dinamizar a vida religiosa de uma boa parcela da população. Impressiona o número de irmandades presentes nas cidades e até no campo. Karla Leandro debruçou, em sua dissertação de mestrado, sobre uma irmandade da cidade de Florianópolis (Desterro) procurando compreendê-la por dentro. A dissertação intitula-se "*Divertem-se então à sua maneira: festas e morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888-1940)*".<sup>1</sup> Num primeiro momento desta Nota Bibliográfica, apontaremos alguns méritos do trabalho, para em seguida percorrer os capítulos sinalizando para seu conteúdo, apresentando sugestões e levantando alguns tópicos para que o leitor possa pensar sobre eles.

**Palavras-chave:** Irmandade. Celebrações Festivas. Morte.

**Abstract:**

Lay brotherhoods (irmandades) were meaningful popular associations in Brazilian colonial period. They were organized with deep links to devotion to a patron saint. The contribution of these religious entities for civil society and Church is invaluable. One must have in mind that colonial and imperial society at that time was just in its first steps of organization.

<sup>1</sup> Dissertação defendida no dia nove de maio de 2013, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Programa de Pós-Graduação em História Social. Participaram da Banca Examinadora os professores/as Doutores Maria Antonieta Antonacci (Orientadora), Paulino de Jesus Cardoso e Ênio José da Costa Brito.

These irmandades with their demanding commitments brought a significant input. In the religious realm the Church under Padroado regime painfully promote its normal religious activities. At that time these irmandades took in charge put forward the religious life of quite all people. Karla Leandro in her Dissertation has in mind to understand from within a irmandade of Florianopolis city, then, city of Desterro. Even the title is meaningful: They have fun in their way: feasts and death in the irmandade of Our Lady of Rosary and Saint Benedict, Florianopolis (1888-1940). In this Bibliographical Note we identify some merits of this research. In a second step we highlight its content making some suggestions. Some main issues are emphasized leaving the reader to take his conclusions.

**Keywords:** Irmandade - Religious Brotherhood. Feasts. Death.

## Dos méritos

Mesmo tratando-se de um tema do passado, a autora lida com questões do presente, como nos lembra:

[...] a justificativa principal desta pesquisa é o próprio contexto atual que vivemos, e que traz à tona o debate sobre as políticas de promoção da igualdade, as quais reconhecem o “desaparecimento” das populações de origem africana da historiografia e exigem uma mudança de foco nos estudos sobre história e cultura destas populações, uma conquista das lutas do movimento negro.<sup>2</sup>

Nossa historiografia, em geral, não só de Santa Catarina, tem estudado pouco as práticas africanas no pós-abolição.<sup>3</sup> Há uma carência de estudos do pós-emancipação. Carência constatada pela autora que procura dialogar com pesquisadoras/es que tem se envolvido com o tema, como Ana Lugão e Hebe Mattos, Walter Fraga Filho e Wlamira Albuquerque.<sup>4</sup>

A opção de trabalhar com a noção de afrodescendente ou população de origem africana, ancorada na ideia de grupos populacionais com suas perspectivas de cultura é muito fecunda.<sup>5</sup> A autora chamou atenção para a importância do conceito de Romanização, sem absolutizá-lo, tendência ainda presente em muitas pesquisas no âmbito histórico. O ter reafirmado que a compreensão do “catolicismo crioulo” passa pela cosmologia de populações de origem africana, aponta fecundas veredas de pesquisa. Nas palavras de Leandro:

Esta perspectiva de catolicismo crioulo é marcada pela cosmologia de populações de origens africanas, que ao entrarem no “novo mundo” a partir do tráfico, trouxeram consigo experiências, expectativas, visões de mundo que se recriaram e ressignificaram nestes espaços “diaspóricos”.<sup>6</sup>

Deixa claro na dissertação a ruptura com um esquema de análise que trabalha com períodos estanques: pré-abolição e pós-abolição. A ruptura com este modelo binário é visibilizada

<sup>2</sup> LEANDRO, 2013, p 17. A partir de agora indicaremos apenas a página do texto da Dissertação.

<sup>3</sup> p. 18.

<sup>4</sup> FILHO, Walter Fraga. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: Editora Unicamp, 2006; ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. Campinas. Editora Unicamp, 2009.

<sup>5</sup> p. 19.

<sup>6</sup> p. 22. Pessoalmente, prefiro o termo “catolicismo ladinizado”.

ao colher e acolher experiências, desejos e práticas que vinham sendo vividas já há tempo por escravizados. Na análise dos Códigos de Postura, não se restringe às normas, mas foca as burlas, as pessoas transgridem e recriam com perfil e parâmetros próprios seus horizontes.<sup>7</sup>

A pesquisa salda uma dívida metodológica-analítica presente nos estudos sobre as irmandades. Metodológica, pois, nos estudos das irmandades utiliza-se com frequência modelos globalizantes e dualistas, que as empobrece e as homogeneízam. Esta vertente de análise é incapaz de perceber as rugosidades do cotidiano, as especificidades de suas práticas e ações enfim de suas vidas.

Chama atenção do leitor: a clareza da proposta de pesquisa e a objetividade e solidez da realização. Clareza presente já no objetivo:

[...] compreender, por meio do estudo das festas, procissões e celebração da morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, formas de organização, espaços de sociabilidade, modos de celebrar a vida e a morte de populações de origem africana no pós-Abolição em Florianópolis/SC.<sup>8</sup>

No fundo, Leandro busca “compreender ações, posturas e práticas destes sujeitos frente a uma cidade que se modernizava e uma Igreja que se romanizava, exigindo novos métodos e modos de agir”.<sup>9</sup>

A autora movimenta-se com desenvoltura na temática da diáspora, em particular na experiência realizada pelas irmandades, desenvoltura que transparece: no emprego adequado do vocabulário e na rica documentação consultada.

Nossas fontes são, principalmente, a documentação existente na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito- Livro Ata, Livros Caixa, Tabela de Registro de Irmãos, Compromisso de 1842 e 1905; Códigos de Postura da cidade de Florianópolis; Relatos de viajantes do século XIX; Jornais de época que noticiavam em suas páginas os acontecimentos festivos e os ritos fúnebres de seus irmãos e irmãs falecidas. Além disso, uma documentação fotográfica sobre a cidade permite perceber populares de origem africana em diferentes funções e espaços, auxiliando no estabelecimento de relações entre a vida quotidiana e as atuações da Irmandade.<sup>10</sup>

Para dar conta da sua proposta de pesquisa, a autora recorreu a teoria pós-colonial, portadora de esquemas analíticos e exigências teóricas renovadas. Dialogou com uma historiografia renovada, sem esquecer os estudos locais sobre as irmandades.

## Dos capítulos

No capítulo primeiro, intitulado, *A cidade do Desterro/Florianópolis e as múltiplas experiências na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*<sup>11</sup>, a autora apresenta a

---

<sup>7</sup> p. 16.

<sup>8</sup> p. 13.

<sup>9</sup> p. 26.

<sup>10</sup> p. 14.

<sup>11</sup> p. 28-102.

cidade, que passava por profundas mudanças estruturais e as irmandades vivendo processos de mudanças, mostrando uma vez mais sua capacidade de adaptação aos novos tempos urbanos e eclesiais.

A intencionalidade do capítulo é clara: dar visibilidade ao novo ideal de progresso e civilização. As irmandades souberam preservar e adaptar suas práticas num movimento de contraponto às políticas governamentais e eclesiais. A autora dá visibilidade e voz a uma “cidade transgressora” ao realizar uma análise meticulosa das irmandades, realçando a organização interna das mesmas, o perfil dos associados, a presença feminina e as tensões internas e externas. Digno de nota, o aproveitamento e o comentário refinado das fotos, retirando delas características dos espaços urbanos, dos vestuários das pessoas, das mudanças em curso.

Quando se refere à diversidade de membros componentes da Irmandade afirma:

Além de diferentes origens africanas como monjolos (é o caso de Antonio, matriculado na condição de cativo, solteiro), congos (como Catharina, matrícula registrada como cativa), angolas (como Cristianna, cativa), minas (é o caso de Diogo da Costa, liberto), benguelas (como Maria Logo, 57 anos, livre, casada com o Irmão Vicente da Costa Frutado), registrados até a década de 1890; outros descendentes de africanos/as, crioulos e pardos marcaram presença na Irmandade; além de muitos que apareceram sob a denominação apenas de brasileiro/a na virada do século XIX para o XX”.<sup>12</sup>

Esta informação, reiterada em outras passagens, pede uma nota sobre as “nações africanas” e a problemática que ela traz no seu bojo. Entre os textos utilizados na dissertação vários tocam nesta temática.<sup>13</sup>

Ao comentar os objetivos da irmandade, com relação ao 4º, de “libertar da escravidão os irmãos”, escreve: “De acordo com os documentos da Irmandade não conseguimos localizar informação sobre a efetividade deste objetivo, visto que nada confirma se realmente o cofre dos cativos funcionou e libertou algum irmão da escravidão”.<sup>14</sup> No Brasil, poucas irmandades foram capazes de libertar cativos, o que ocorria com mais frequência em Portugal.

Já na introdução da dissertação, nos lembra o fato da invisibilidade da presença negra em Santa Catarina e aponta para algumas razões que contribuíram para que isto ocorresse. Entre elas, pouca presença cativa, trabalhos organizados pelos açorianos que não necessitavam de escravos e crença que a imigração resolveria o problema da mão-de-obra.

A dissertação, com base em várias pesquisas, em especial, na de Paulino de Jesus Francisco Cardoso, *Negros em Desterro: as experiências das populações de origem africana em*

---

<sup>12</sup> p. 63.

<sup>13</sup> Para uma compreensão mais matizada da temática, ver: SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da Cor: Identidade étnica e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista*. História da festa de coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002; LUCILENE, Reginaldo. *Os Rosários dos Angolas*. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011. Acrescente-se ainda o sugestivo artigo de OLIVEIRA, Maria Cortes de. Viver e morrer no meio dos seus. Nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX. *Revista USP*, São Paulo (28) 174-193, Dez/Fev. 95/96.

<sup>14</sup> p. 78.

*Florianópolis na segunda metade do século XIX*, desmonta gradualmente estas razões, apontando para onipresença dos escravizados na cidade.<sup>15</sup>

Em Florianópolis, os pardos possuíam uma irmandade própria, Nossa Senhora da Conceição. Já no final do século XVII e início do XVIII, os pardos cresceram em número e buscavam demarcar sua presença na sociedade.<sup>16</sup> Muito sugestivo a escolha do orago por parte deles, estigmatizados pela impureza de sangue, escolhem como padroeira a Imaculada Conceição.

*Festas e celebrações religiosas na irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*<sup>17</sup> é o título do segundo capítulo. Nele, se resgatam as práticas culturais de perfil festivo-religioso, práticas de sujeitos históricos, dignas de serem lembradas e contadas. Rico em informações, o capítulo tem o seguinte objetivo:

Nossa intenção não se pauta apenas em compreender as ações da Igreja Católica que sabemos foram marcantes, mas como diferentes pessoas organizadas numa irmandade leiga dialogaram, lutaram e buscaram, em seus universos culturais e nas alianças do cotidiano, resistir às transformações incorporando alterações nas relações de poder.<sup>18</sup>

Vale a pena chamar a atenção para a estratégia redacional, empregada pela autora para preservar o dinamismo interno do capítulo. Sendo ele muito extenso, corria-se o risco de perder o movimento interno. O que não ocorreu, pois ao tecer as narrativas, sempre as calçou e ilustrou com informações colhidas no Livro Caixa, no Livro Ata, nos Compromissos, nos Sínodos Diocesanos, nas Tabelas de Registros e nos Pareceres da Comissão de Câmaras Municipais. Assim, mesmo abrindo discussões mais amplas com relação à problemática envolvendo as irmandades, continuamente trouxe o seu leitor para as manifestações organizadas, as práticas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Ilha de Santa Catarina, em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

O recurso aos relatos de viajantes, pontuando os preconceitos e extraindo deles informações importantes, deu ao texto um sabor especial. Nas considerações relacionadas aos reis e suas hierarquias, superou interpretações que vem os reis como “mera titularidade”<sup>19</sup>, “a serviço da dominação senhorial”, “simulacro de liberdade política e religiosa” e “falsa jurisdição”. Talvez pudesse explorar um pouco mais o papel político e simbólico, oferecendo um elemento a mais para entendermos as razões da supressão das coroações.

As veredas abertas neste capítulo mostram com clareza que: nas irmandades de homens pretos existiram relações muito mais complexas, nelas as identidades eram construídas e nunca essencializadas, a ambiguidade não surge como sinônimo de contradição. Daí, o convite da autora, a seu exemplo, a renovarmos o olhar sobre as inúmeras festas promovidas pelas irmandades.

<sup>15</sup> CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Negros em Desterro: as experiências das populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX*. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

<sup>16</sup> O livro de VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem*. Campinas Unicamp, 2007, preenche uma lacuna nos estudos sobre a mestiçagem e o papel dos pardos no âmbito da sociedade escravista.

<sup>17</sup> p. 103-166.

<sup>18</sup> p. 103.

<sup>19</sup> p. 110.

Neste sentido, buscamos entender as festas como expressão de embates sociais, disputas de poder, luta por territórios, espaços de práticas e significados que se alteraram ao longo do tempo, apesar de permanências performativas, históricas e culturais.<sup>20</sup>

O capítulo terceiro, *Celebrações da Morte*<sup>21</sup>, acolhe o desafio de compreender: as práticas africanas na Diáspora relacionadas com a morte, os cortejos fúnebres e o pós-morte. Nele recupera-se a materialidade das práticas sociais relacionadas com a morte dos membros das irmandades, mas principalmente recupera-se a constituição dos significados, valores e sentidos atribuídos à morte pelos membros da irmandade.

Inúmeros são os méritos deste breve capítulo, o seu perfil analítico-criativo; o diálogo seminal entre as cosmologias africana e cristã; a percepção a ser desenvolvida, na esteira de James Sweet, que afirma: a religião e a religiosidade se constituíram na pedra de toque da resistência de africanos e seus descendentes na diáspora.<sup>22</sup>

O perfil seminal do texto, que se expressa até no âmbito quantitativo (29 páginas), não diminui a novidade e a qualidade da pesquisa feita, mas aponta para desafios futuros, para temas que merecem serem pesquisados. A título de exemplo: o diálogo entre cosmologia cristã e africana. No campo cristão, a ideia da “comunhão dos santos” pode abrir espaços dialogais. As interações corpo-memória, corpo comunitário e tradições orais é outra vereda desafiadora. A morte e o sepultamento das crianças, a autora se refere a ela relembrando uma passagem do Compromisso, capítulo XVII- Dos sufrágios dos irmãos, art. 3 “todos os filhos legítimos de irmãos até a idade de oito anos, terão direito a ser sepultados nos jazigos da irmandade”.<sup>23</sup>

No texto, duas referências são feitas a “Boa Morte”, preocupação marcante da população.<sup>24</sup> Não se pode esquecer, que os Manuais de Bem Morrer<sup>25</sup> circularam no país e acabaram sendo internalizados profundamente por toda a população. Para os escravizados,

[...] a boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo. Esta seria uma forma de “morte bonita”, em que morrer era um esforço coletivo, envolvendo inúmeras pessoas, exprimia que o fim da vida não poderia ser uma experiência solitária.<sup>26</sup>

Olhando para a cosmologia africana deparamos alguns pontos marcantes, como: “experienciar a morte como parte marcante da vida”<sup>27</sup>, “experienciar a morte como celebração coletiva”.<sup>28</sup>

---

<sup>20</sup> p. 129.

<sup>21</sup> p. 167-196.

<sup>22</sup> SWEET, James H. *Recriar África: cultura parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

<sup>23</sup> p. 191.

<sup>24</sup> p. 171 e 186.

<sup>25</sup> Sobre os Manuais de Bem Morrer ver, RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (século XVIII e século XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional 2005.

<sup>26</sup> p. 186.

<sup>27</sup> p. 179.

<sup>28</sup> p. 186.

Portanto, tal como as festas, os rituais de morte não eram eventos isolados. Envolviam a vida quotidiana da associação, a mobilização dos sócios, aconteciam o ano todo. Faz-se interessante pensar porque, justamente estas organizações mais africanas- formadas por homens e mulheres africanas ou de origem-, se aproximaram tanto da preocupação católica do cuidado com a morte e com o sufrágio das almas. Tradições herdadas das culturas africanas e formas de lidar com o catolicismo se faziam presentes no cotidiano das comunidades de origem africana em Desterro/Florianópolis, numa complexidade de relações culturais com códigos e valores religiosos.<sup>29</sup>

### Comentário final

Ter recorrido à teoria pós-colonial para revisitar a presença das irmandades em Florianópolis foi um ganho, a malha teórica pós-colonial abre novas possibilidades analíticas. Assim, foi possível apreender evidências afrodiaspóricas antes silenciadas. “*Divertem-se então à sua maneira*” confirma a constatação de Kazadi wa Mukuna na *Apresentação de Memórias ancoradas em corpos negros*<sup>30</sup>, onde afirma:

[...] é importante para um melhor entendimento e interpretação do tecido cultural brasileiro, não só da perspectiva da conservação de elementos culturais africanos no Brasil, mas também do reconhecimento de seus significados em várias manifestações culturais.<sup>31</sup>

Karla Leandro ao reconhecer os significados profundos de algumas práticas culturais das irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Florianópolis, dá uma contribuição significativa para a compreensão da intensa vida das Irmandades em Florianópolis.

### Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania negra no Brasil*. Campinas. Editora Unicamp, 2009.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2013.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Negros em Desterro: as experiências das populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX*. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

FILHO, Walter Fraga. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Campinas: Editora Unicamp, 2006;

LUCILENE, Reginaldo. *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011.

OLIVEIRA, Maria Cortes de. Viver e morrer no meio dos seus. Nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX. *Revista USP*, São Paulo (28) 174-193, Dez/Fev. 95/96.

<sup>29</sup> p. 195-196.

<sup>30</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2013.

<sup>31</sup> MUKUNA apud ANTONACCI, 2013, p. 12.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (século XVIII e século XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional 2005.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da Cor: Identidade étnica e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SWEET, James H. *Recriar África: cultura parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem*. Campinas Unicamp, 2007.